

O Valor de uma Projeção Consciente

The Value of a Conscious Projection

El Valor de una Proyección Consciente

Málu Balona*

* Reeducadora. Autora dos livros *Síndrome do Estrangeiro* e *Autocura através da Reconciliação*. Voluntária do Instituto Internacional de Projeiologia e Conscienciologia (IIPC).

mbalona@terra.com.br

Relato recebido para publicação em 24.05.09.

INTRODUÇÃO

Contextualização. Esse relato descreve uma experiência projetiva lúcida vivenciada na França, cujos desdobramentos interassistenciais, quase duas décadas após a sua ocorrência, puseram em evidência a importância do seu conteúdo aplicado a uma situação tarística grupal no Brasil.

Parafatos. Os parafatos apontam para a existência de um paradoxo entre a relatividade da cronologia humana, a cronêmica multidimensional e a importância do registro projeiográfico detalhado, elemento balizador temporal da auto-organização do projetor consciente.

Comprovação. O registro e sua datação revelam-se úteis, em primeiro lugar, para o próprio experimentador na condição de *tira-teima* ou fator comprobatório da aplicabilidade assistencial teática de um experimento projetivo.

PROJECIOGRAFIA

Local: Nice, Côte-d'Azur, França.

Data: Junho / Verão de 1980.

Introdução. Desde agosto de 1979, essa autora vivia na França. Na época do verão, o calor e o turismo exacerbado transformam Paris em um formigueiro humano. Por isso, nesse período do ano, a grande maioria dos seus habitantes se desloca em busca de lugares mais amenos. No verão de 1980 deixei a *Cidade Luz*, onde residia no bairro do *Marais*, aproveitando para visitar a família em Nice, no Sul do país.

Contexto pessoal. Atravessava, ainda, o sempre difícil período de *readaptação* a qualquer país e sua cultura, em uma fase de muitas indagações e incertezas quanto ao futuro. Tampouco compreendia bem as manifestações parapsíquicas que passaram a ocorrer com intensidade desde que chegara (poderia dizer, *retornara*) ao *Velho Continente*.

Proéxis. As experiências projetivas e parapsíquicas pessoais eram incrementadas pelos amparadores que, provavelmente, tirando partido daquele retorno providencial ao passado, paradoxalmente, faziam-me recordar, além de outras vidas intrafísicas, a prioridade urgente da *proéxis* – programação existencial, em curso e os compromissos evolutivos futuros da *maxiproéxis* ainda a cumprir.

Experimento. Dentre algumas dessas experiências marcantes ocorridas e registradas na época, relato aquela que se tornou o foco principal deste relato. Foi um fenômeno de projeção consciente na qual me encontrava bastante lúcida, embora não identificasse, no momento, estar fora do corpo. O local extrafísico

desconhecido era um tipo de laboratório. No centro da sala havia uma grande *maquete* em destaque. De material transparente parecendo vidro, apresentava formato de um grande tubo de ensaio cilíndrico, horizontal, com várias protuberâncias laterais redondas, também transparentes.

Amparador. O nível de lucidez extrafísica permitia *sentir*, mais do que ver a presença de alguém que não pude identificar naquele momento e que atuava ao modo de um cicerone da visita. Levando em conta a importância e os desdobramentos que essa experiência viria a ter num futuro ainda distante, hoje deduzo que poderia tratar-se de um amparador altamente qualificado (*Evoluciólogo?*).

Modelo. Era possível observar que, dentro do tubo, inúmeras linhas brancas sobre fundo negro estavam agrupadas em segmentos semelhantes aos de uma pauta musical. Hoje faço uma analogia com o *Modelo da Série Harmônica*, ao qual somente mais tarde seria apresentada (VIEIRA, 1986).

Sinalização. A maioria das linhas era contínua, *cheia*, formando uma reta. As outras, paralelas, eram pontilhadas ou semi-interrompidas. Não se percebia as extremidades do tubo e nem seus limites, que pareciam se perder fora do alcance da visão. A demarcação em branco sobre o fundo escuro lembrava o contraste do asfalto e sua sinalização no leito de uma autoestrada.

Rodovia. Sobre as linhas retas, no centro do tubo, pontos vivos, como se fossem células, movimentavam-se rapidamente, seguindo um itinerário contínuo na direção de uma das extremidades. Com a clara visão da “rodovia”, minha atenção concentrava-se apenas nas linhas e nos pontos (consciências?) que seguiam céleres, movimentando-se em grandes filas.

Fluxo. Algumas dessas células vivas deixavam as linhas contínuas, passando para as linhas pontilhadas, e nelas iam pouco a pouco desacelerando o seu ritmo. Terminavam por sair do mutirão central, deslocando-se para uma espécie de acostamento. Logo, eram quase atraídas, aspiradas pelo vácuo das *bolhas* ou vesículas laterais transparentes, dispostas de maneira intercalada ao longo da via principal. Esses elementos desviantes do fluxo ficavam rodopiando dentro das protuberâncias redondas.

Retomadores. Momentos depois, alguns retornavam à linha principal, retomando o ritmo acelerado da marcha interminável ao lado dos demais. Contudo, ao retornarem, os *retomadores* da marcha ganhavam sempre a companhia de novos parceiros, perdendo de vista os antigos colegas, agora bem mais à frente. Sequer era possível distinguir alguns deles, pois já quase desapareciam na extremidade do tubo.

Mensagem. A impressão causada por essa projeção simbólica foi muito viva e teve um efeito marcante nos dias que se seguiram, voltando vez por outra à mente, promovendo sentimentos positivos e um estado peculiar de reflexão. Embora reconhecesse a seriedade da mensagem na ocasião, não foi possível apreender bem o seu significado nem atribuir a ela uma utilidade prática.

CI. Hoje, de posse das verdades relativas de ponta (*verpons*) da Conscienciologia, torna-se possível levantar alguns questionamentos. Seria o episódio referente a algum fragmento de experiência extrafísica vivenciada durante o período intermissivo mais recente? Teria esse experimento sido vivenciado no curso intermissivo (*CI*) frequentado antes da vida atual? Seria a experiência uma recuperação de *cons* (unidades de lucidez consciencial) de alguma para-atividade? *Muita água rolou* depois do episódio e, retornando ao Brasil tempos depois, não mais lembrei o fato.

CONSCIENCIOLOGIA

Local: Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Data: Janeiro de 1985-Abril 1997.

CCC. Em busca ávida de respostas às muitas indagações quanto à evolução pessoal, voltei a viver no Rio de Janeiro, em 1985, tendo entrado em contato com os novos campos científicos da Projeciologia e da

Conscienciologia somente em Outubro de 1986. Logo, tornei-me estudiosa dos temas, acompanhando a última fase do *Centro da Consciência Contínua* (CCC), grupo informal de pesquisas fundado no Rio de Janeiro por Waldo Vieira (1932-), propositos das neociências, médico, projetor consciente, estudioso da consciência e de suas manifestações fora do corpo físico.

IIP. Tive o privilégio de acompanhar a posterior fundação do *Instituto Internacional de Projeciologia* (IIP) que, em 1988, absorveu as atividades do CCC. Quase uma década depois, em 1997, já existiam algumas instituições similares, criadas principalmente a partir da dissidência de ex-voluntários ou ex-professores do *Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia* (IIPC), nova razão social adotada em 1996.

Curso. Em abril de 1997, já atuando na condição de professora, pesquisadora e autora da Conscienciologia há quase uma década, fui informada pela diretoria do IIPC do convite recebido de uma dessas instituições para ministrar o curso sobre a *Síndrome do Estrangeiro*. Essa atividade parapedagógica extracurricular era oferecida desde 1991, contudo, o livro que apresentava a teoria ainda em preparação, só seria publicado posteriormente (BALONA, 1998).

TAD. Além do curso, os dirigentes da instituição-anfitriã, sabedores de que me encontrava à frente da coordenação do *Centro de Educação* desde 1995 e era responsável pelo pioneiro programa para formação docente (Treinamento Ágil para Docência – TAD) no IIPC, interessavam-se em aplicar orientação paradidática similar ao seu corpo docente.

Dissidência. A situação era bastante delicada, pois, na época, ainda não havia experiência com a cultura da *dissidência ideológica* (VIEIRA, 1997, p. 76). Inclusive, na cidade-sede da instituição-anfitriã estava situada uma das mais ativas representações do próprio IIPC.

Objetivos. Como desenvolver essa parceria? Como proceder para criar uma aproximação harmônica entre os voluntários de ambas as instituições, permitindo contar com a colaboração de todos, evitando melindres, suscetibilidades e os onipresentes contrapensenes físicos e extrafísicos, sempre tão prejudiciais aos objetivos do trabalho em pauta?

Confiança. Era o tipo da *missão pioneira* que muito exigiria no campo do *Paradireito*, da *Parapolítica* e da *Paradiplomacia*, especialidades da Conscienciologia ainda embrionárias do ponto de vista prático. Contudo, acostumada aos desafios, aceitei o convite, partindo decidida para me desincumbir da delicada tarefa. Tinha plena confiança nos amparadores que, àquela altura, já teriam considerado a possível aptidão pessoal e os meios mais favoráveis a serem utilizados na singular empreitada (JORNAL DA SPC, 1997).

RECONCILIAÇÃO

Local: Curitiba, Paraná, Brasil

Data: 25 de abril, 1997

Predisposição. A chegada a Curitiba, capital do Paraná, ocorreu um dia antes do curso agendado. Fui recebida com muita gentileza e respeito pelo coordenador da instituição-anfitriã no aeroporto, instalando-me num hotel próximo ao Teatro Guaíra, referência cultural da cidade. Tudo transcorria muito bem. Percebia-se que a predisposição positiva desses dois paradiplomatas constituía um elemento facilitador para a atuação dos *amparadores de função*.

Contexto local. Com sinceridade, não podia negar certa apreensão pelo inusitado da situação, mesmo porque não me ocorrera, ainda, a melhor forma de executar a tarefa. Preocupava-me inclusive, a reação de

alguns colegas que, embora informados de que a itinerância havia sido organizada em consenso e a partir de uma decisão oficial do IIPC, não compreendiam muito bem a razão de minha presença na cidade para atuar em *outra instituição*.

Reunião. Da minha parte, buscava colocar-me no lugar corajoso de quem havia feito o convite, o que tampouco era uma situação fácil. O clima extrafísico era um pouco tenso. Uma reunião prévia havia sido agendada para aquela mesma noite. Nela deveriam estar presentes, além do coordenador e dos professores da instituição-anfitriã, alguns representantes do IIPC local. A pauta previa a discussão sobre a forma de viabilizar o trabalho em parceria, incluindo uma avaliação de proposta para a capacitação do professorado.

Técnica. No hotel, tive a inspiração e achei prudente trabalhar mais com as energias com o objetivo de melhor me preparar para o evento. Para isso, decidi utilizar a *Técnica dos 20 Minutos* descrita no MAP – Manual de Apoio ao Professor do ECPI, Curso de Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 1, promovido pelo IIPC desde 1992. A técnica foi posteriormente detalhada no livro *Autocura através da Reconciliação* (BALONA, 2003).

Princípio. Deitada na cama em decúbito dorsal, após os exercícios iniciais com as energias, evoquei mentalmente os amparadores, solicitando que me permitissem alcançar maior nível de lucidez e inspiração para coordenar as atividades previstas da melhor maneira. Segundo o princípio cosmoético, desejei que *acontecesse o melhor para todos*. Logo, senti a aproximação e a presença dos amigos extrafísicos.

Chispa discernidora. Como se fosse uma recuperação de *cons*, houve uma expansão da lucidez e veio a *chispa discernidora*, que trazia à tela mental a lembrança vívida da projeção ocorrida na França, quase duas décadas antes. O quadro se encaixava com precisão, os dados se encadeavam perfeitamente, dando ao conjunto um sentido lógico.

Entendimento. As consciências caminhando na mesma pista eram os colegas do grupo evolutivo. Algumas vezes, necessidades evolutivas pessoais ou grupais exigiam deslocamentos ou mesmo trabalhos paralelos. Eram aqueles pontos que deixavam a via principal para entrar nos acostamentos e neles vivenciar o que era preciso *antes* de retomar o ritmo grupal. O entendimento de todo o processo vinha seguido de *banhos energéticos* confirmadores.

Rastros. Ao retornar à pista principal, os *retomadores de tarefa* ganhavam novos companheiros de jornada, deixando, às vezes, a companhia dos antigos colegas evolutivos. Era o nosso caso em relação aos *Homo sapiens serenissimus*. Eles também nos haviam precedido na dinâmica dessa infundável caminhada evolutiva, embora continuassem sempre à frente, sinalizando com seus rastros positivos o caminho a percorrer.

Ferramenta. A qualidade do padrão das energias sentidas no momento não deixava dúvidas. Compreendi, na hora, o valor do conteúdo da projeção, defasando o tempo e o espaço, apresentando-se ao modo de uma ferramenta prática e atual, ajustando-se *like a glove* à realidade da situação.

Sincronicidade. Levantei-me tranquila e confiante quanto ao bom termo da tarefa. No caminho até o local do encontro, chamou-me a atenção a já conhecida estrutura das estações para embarque e desembarque de passageiros dos transportes coletivos urbanos de Curitiba. São *estruturas cilíndricas transparentes* que apresentavam grande semelhança com o *tubo de ensaio* da projeção. Mais uma sincronicidade marcante que vinha para fortalecer o *rapport* com a equipe extrafísica.

Ilustração. Ao chegar ao local da reunião, na sala de aula da instituição parceira, já se encontravam ali reunidas umas 12 pessoas. Dentre elas, alguns representantes do IIPC local. O coordenador abriu a pauta agradecendo a minha presença e a dos colegas. A expectativa era grande. A palavra me foi passada. Também agradei a oportunidade e me dirigi à lousa. Sem declarar a minha fonte, fiz uma ilustração repre-

sentando o conteúdo da projeção e comecei a passar as informações que me haviam sido transmitidas pelos amparadores durante a recente experiência no hotel.

Maxiproéxis. Não foi necessário fazer nenhum discurso ou prestar grandes esclarecimentos. Todos entenderam. À simples evocação do episódio, surgia outra vez aquele inconfundível padrão de energias que não permitia equívoco quanto à sua origem multidimensional, fazendo lembrar a importância da maxiproéxis grupal, a razão da interdependência, a necessidade da intercooperação e a responsabilidade do trabalho conjunto à frente da Projeciologia e da Conscienciologia.

Binômio. De modo simples e prático, foi possível fazer a aplicação sincera do *binômio admiração-discordância*, ali qualificado pela compreensão. A admiração é ainda um processo, muitas vezes de caráter emocional, que projeta carências, não resistindo à frustração da descoberta de defeitos em quem admiramos. A compreensão fraterna permite transcender essa postura primária tão comum, expandindo o auto-discernimento da conscin para o *crescendo reconhecimento-compreensão-gratidão*.

Campo. Com a instalação daquele campo energético reeducativo de tão alta qualidade, o ambiente logo se desanuviou. O clima, agora, era outro, de parceria, de amizade e de franca colaboração. Atendendo a uma sugestão que me fora feita pelo professor Waldo Vieira, antes da partida, aproveitei para indicar aos presentes uma consulta ao capítulo 19 – *Dissidências Ideológicas*, p. 76-80 da 1ª edição do livro de sua autoria, *Manual da Proéxis* (VIEIRA, 1997).

Reconciliação. As atividades seguintes transcorreram com grande sucesso. Foi uma experiência ímpar, no campo da reconciliação, assistir com que motivação e alegria os integrantes da instituição-anfitriã recebiam os antigos colegas, compartilhando o aprendizado no campo universalista da *Conviviologia* fraterna.

Ensinamento. O impacto do episódio fez-me apreciar ainda mais o valor de uma experiência projetiva, por mais simples que pareça. Quebrando a barreira do tempo, um pequeno ensinamento, aparentemente deslocado no presente, no futuro se tornara instrumento de grande valia.

Conclusão. A experiência gerou associações de ideias e fez refletir sobre o paradoxo da relatividade da cronologia humana contrapondo-se à cronêmica multidimensional. A aplicação pontual teática de informações extraídas de um parafato projetivo, aparentemente tão distante no tempo e no espaço, mostrou a *lógica parapsíquica* que a *monovisão* temporal não permitira compreender em toda a sua magnitude no momento de sua ocorrência.

Projeciografia. A excelência interassistencial paradidática dos amparadores deu destaque ao fato, evidenciando, mais uma vez, a relevância da projeciografia datada e da *autoconscientização multidimensional* para a nossa evolução pessoal e grupal.

REFERÊNCIAS

1. **Balona**, Málu; *Síndrome do Estrangeiro*; 334 p.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1998.
2. **Idem**; *Autocura através da Reconciliação*; 342 p.; 2ª edição; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 2004; páginas 46, 76, 106, 107, 162.
3. **Jornal da SPC**; *Nostalgia Consciencial Investigada no Curso “Síndrome do Estrangeiro”*; *Conscientia*; Revista; Vol. 1; N. 4; Curitiba, PR; Abril, 1997; página 4.
4. **Vieira**, Waldo; *Projeciologia – Panorama das Experiências da Consciência fora do Corpo Humano*; 900 p.; Ed. Autor; Rio de Janeiro, RJ; 1986; páginas 679-687.
5. **Idem**; *Manual da Proéxis*; 164 p.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC); Rio de Janeiro, RJ; 1997; páginas 66, 76-80.